

DF - CHINA

Calor e baixa umidade relativa do ar fazem agricultor perder safra de milho. Operário trabalha num buraco sob 50 graus

AS VÍTIMAS DA SECA

Marcelo Abreu

Da equipe do Correio

Fuja, se puder. Quem puder sair de Brasília neste fim de semana e curtir as cachoeiras ou os córregos de água espalhados ao redor da cidade, fará um bom programa. Quem não puder, paciência. Não adianta reclamar e dizer que não foi avisado. Vai ter que agüentar muito calor e seca.

Pela previsão do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a temperatura ficará em torno de 30 graus, apesar de uma discreta e tímida frente fria que vem do Sudeste e se aproxima do Distrito Federal e todo o Sul de Goiás. Isso ocasionará apenas a formação de nuvens, deixando o céu meio nublado em alguns momentos, mas não irá amenizar muito a seca.

Ela persiste, insiste e vai incomodar muito. Pelo menos nos próximos 70 dias, quando começarão as chuvas. O jeito é rezar e esperar para ver — e sentir.

Neste fim de semana, portanto, nas horas mais quentes do dia, a umidade relativa do ar pode cair a menos de 20%. É clima de deserto. Os efeitos dessa combinação perigosa — muito calor e baixa umidade — todos os brasilienses já conhecem. É a velha dor de cabeça, o cansaço e apatia sem causa aparente, seca na garganta, problemas respiratórios de toda ordem — bronquite e pneumonia — e pele ressecada. Além, é claro, de muita sede.

Para alguns, tudo isso é motivo para drama. Outros conseguem se adaptar sem traumas. Entre tragédia e lamentações, a seca deve ser, até meados de outubro, o assunto principal da cidade.

Os adultos ficarão em alerta. Os alunos rezam para que a seca seja mais forte paralisando as aulas. Há uma explicação para o desejo geral. Em 1994, a Defesa Civil suspendeu as aulas em todas as escolas porque a umidade relativa do ar caiu para 11%. Foi uma farra para a garotada. "Vou achar ótimo se acontecer de novo. A gente pode acordar mais tarde e assistir televisão", diz Victor Hugo de Lemos Nunes, 8 anos, aluno da 1ª série do colégio São Francisco, no Guará I.

Fotos: Jorge Cardoso



Abdias de Menezes, agricultor: "Todos os 10 mil pés de milho que plantei morreram. E o que sobrou não serve nem mesmo para comer assado. Só serve para as galinhas ou para o gado"

REZA

Ele não tem tempo para ter mal-estar passageiro, dores de cabeça nem complicações respiratórias decorrentes da seca. Final de semana em cachoeira seria luxo. Agora, ele só tem uma preocupação: rezar e implorar a Deus para que comece logo a chover. É esse o desejo do agricultor Abdias Moura de Menezes, que cuida do Centro Espírita Beneficente da União do Vegetal, uma chácara com 22 hectares perto de Brazlândia.

Todos os mais de 10 mil pés de milho que ele plantou na chácara morreram. A seca foi implacável. "Olha só o que restou. Não serve mais para nada, nem mesmo para comer assado", diz, mostrando uma espiga esturricada. "Agora só vai servir para as galinhas

ou para ração de gado", desconsola-se. Depois, contabiliza o prejuízo: "Um saco de milho custa R\$ 14. Seco como está, cai para menos de R\$ 7."

Além da seca que começou a castigar o milharal em maio, Menezes não tem sistema de irrigação na chácara. É morte certa. Agora, segundo ele, o consolo será plantar tudo de novo assim que acabar o período de estiagem. Cearense de Sobral, esse agricultor de 44 anos e pai de cinco filhos "veio corrido" da seca que castiga o Ceará. "Conheço de perto o problema. Saí de lá porque não agüentava passar mais fome", confessa. Mas, segundo ele mesmo admite, aqui em Brasília a seca tem lhe castigado muito. "Lá o difícil é chover, mas com quatro chuvas resolve tudo. Aqui, a terra não se-

gura a plantação", compara.

No meio dos mais de 10 mil pés de milho e uma desolação sem tamanho, Menezes lamenta: "Não há mais nada a fazer."

BURACO DO INFERNO

Todos os dias, ele enfrenta um buraco. Ganha a vida dentro de um buraco. Mas não sai de dentro do buraco. Auxiliar de telefonia de uma empresa de telecomunicações, o piauiense Ricardo Silva, de 28 anos, sente literalmente na pele os efeitos da seca em Brasília.

Ontem, às 12h30, ele estava dentro de dois dos muitos buracos em que trabalha, na Estrada Parque de Taguatinga, trocando cabos telefônicos para substituí-los por outros. Ele tra-

balha com maçarico, o que faz a temperatura chegar a 50 graus dentro de um buraco.

"Nossa, moço, aqui dentro pega fogo. Com esse tempo seco, aí é que a coisa piora. Eu canso mais e sinto muita falta de ar. Mas o que a gente pode fazer, se é único trabalho que tenho?", pergunta. Precavido, o piauiense não se descuida: "Tomo umas quatro garrafas de água por dia. Tem hora que a garganta fecha de tanta sede", assegura. "Falam muito do Piauí e até concordo que lá é quente, mas não é seco assim", reclama.

NO FOGO

Mas nem sempre a seca se torna um drama para todos. É o caso do churrasqueiro Geraldo Batista Furtado. Pa-

raibano de Souza, há 16 anos ele é quem sabe o ponto certo das carnes servidas na Churrascaria Brásas, uma das mais conhecidas de Taguatinga. A casa serve por semana nada menos do que 1,5 tonelada de comida.

Perto da churrasqueira, a temperatura nunca é inferior a 80 graus. Mas mesmo assim, Furtado afirma que está acostumado com o calor e com a seca.

"Seca? Eu nem sinto muito. Acho que nesse tempo todo consegui me adaptar", revela ele, que não conseguiu disfarçar o suor do rosto, que pingava em bicas. Ele nem sabe quando poderá voltar a chover em Brasília — lá por outubro, como arriscam alguns meteorologistas de plantão. É esperar para ver.